

ESCRITA ÍNTIMA E EXPERIMENTAÇÃO LITERÁRIA NOS *BLOGS*
ABSINTO-ME SÓ E VAGO

Jéssica de Souza Carneiro¹
Profa. Dra. Lilia Silvestre Chaves²

Do ponto de vista da linguagem, com base em narrativas hipertextuais, a *webliteratura* é presente e real. Isto é, há literatura na internet e isso é indiscutível. No sentido de verificar os formatos de linguagem da *webliteratura*, analisaremos a escrita íntima que se manifesta nos *blogs* do ciberespaço, entendendo-a como prática literária típica da pós-modernidade. A blogosfera está repleta de escritores anônimos e nomeados, fictícios e reais, que encontram na rede um canal para externar gratuitamente suas produções. Para esta análise, elegemos os *blogs* *Absinto-me só* e *Vago*. Queremos demonstrar que, na *web*, é possível encontrar um “outro” literário, o qual se constrói a partir da subversão de fronteiras permitida pelo universo virtual.

Palavras-chave: *Webliteratura*. *Blog*. Escrita íntima.

1. A escrita íntima na internet

As práticas literárias no ciberespaço refletem uma tendência da contemporaneidade que investe prioritariamente na busca de visibilidade e de interatividade. No interior dessas práticas, encontramos certa proliferação de narrativas autobiográficas e/ou ficcionais, como imitação de realidade, em *blogs* que colocam na internet descrições e imagens da vida cotidiana e da vida privada. Na verdade, esses *blogs* são a maioria na blogosfera, espaços que sintetizam a experiência de autores desconhecidos, os ilustres anônimos, que também têm o que dizer, mas que nem sempre ganham a atenção dos editores e livreiros.

Não fossem gêneros textuais digitais como os *blogs*, o destino de muitas dessas produções independentes seriam o segredo ou as gavetas de quem não teria outra maneira de torná-las públicas senão no espaço gratuito ofertado pela grande rede. O *blog*, então, faz as vezes do caderno de anotações que expõe as intenções ou o estilo de certos “escritores amadores” ainda não reconhecidos pelo meio literário, mas, quiçá,

¹ Jéssica de Souza Carneiro, Universidade Federal do Pará (UFPA). *E-mail*: jessica.souza.jor@gmail.com.

² Profa. Dra. Lilia Silvestre Chaves, Universidade Federal do Pará (UFPA). *E-mail*: lsc@uol.com.br.

famosos (ou bastante lidos) no ambiente virtual. Devido a poder ser facilmente atualizado na forma de um diário datado e circunstanciado, o *blog* possibilita a manifestação da primeira pessoa em um tipo de narrativa que se pode denominar “escrita íntima”. Conforme afirma Schittine (2004, p. 61),

é um diário diferente do diário comum, o qual supõe segredo. Um diário, paradoxalmente, público, feito para ser publicado diariamente na internet e para ser lido. Baseado também na escrita íntima, nas pequenas misérias cotidianas, nas opiniões e inquietações do autor, mas admitindo um elemento novo: um público leitor. Admitindo, porque, pela primeira vez, pressupõe-se que o escrito íntimo é algo feito com o intuito de ser desvendado e comentado.

O diário, historicamente, é um tipo de composição autobiográfica. Hoje, tratado academicamente por teóricos como Philippe Lejeune (2008, p. 261), refere-se a “uma escrita cotidiana: uma série de vestígios datados”. No dicionário, a palavra indica uma obra em que se registram, diariamente (ou quase), fatos, acontecimentos, confissões. Com o passar do tempo, sua prática veio configurando-se como gênero, ou como subgênero da autobiografia, devido ao alargamento do conceito de literatura, na contemporaneidade, o qual se tornou muito mais flexível quanto à categorização clássica dos gêneros e assimilou também manifestações como o relato de viagem ou o próprio romance-folhetim.

Em sendo a autobiografia o tipo de escrita em que uma pessoa narra a história da sua própria vida, manifestando-se tanto em prosa como em verso, podendo ainda ser literal ou contar com elementos ficcionais, aproximando-se, inclusive, da autoficção³, vemos bastante semelhança desse gênero com o tipo de escrita que encontramos em alguns *blogs* da internet que costumam ser denominados como *blogs* literários. É o caso do *Absinto-me só*, disponível na grande rede por meio do endereço <http://absintomeso.blogspot.com/>, e do *blog Vago*, também no ciberespaço sob o domínio <http://va-go.blogspot.com.br/>, os quais serão analisados a seguir.

2. *Absinto-me só*

³ Segundo Lejeune (2008, p. 7), “a autoficção tornou-se um meio de realizar o desejo de narrar a experiência vivida, sem o ônus da incômoda etiqueta ‘autobiografia’”.

O *Absinto-me só* só é escrito por Gabriela Dornelas, “embriagada de ideias soltas”, como diz o subtítulo do *blog*, uma cidadã brasileira como qualquer outra, que vive dramas comuns à vida nas grandes cidades e que tenta narrá-los de maneira a conferir-lhes um certo valor estético. No perfil da blogueira, o leitor tem acesso à seguinte descrição: “Eu sou qualquer coisa. É tudo uma questão de humor. Gabi Dornelas, ou como na certidão, Gabriela Silva Dornelas”⁴. Ressalte-se que “Silva” é um dos sobrenomes mais comuns no Brasil, que pode ser também a identidade de muitos outros(as) brasileiros(as). O primeiro *post* no *blog* é datado de 12 de abril de 2009, conforme podemos observar na reprodução a seguir:



Figura 1 – Página do primeiro *post* no *blog Absinto-me só*.

Entendemos o *blog Absinto-me só* como um espaço de abstração, conforme é sugerido pelo título que verbaliza o substantivo “absinto” (erva muito amarga ou bebida alcoólica muito forte dela feita), no sentido de alhear-se, distrair-se, absorver-se, ir ao

⁴ Disponível em: <<http://absintomeso.blogspot.com/>>. Acesso em: 18 out. 2011.

encontro de um paraíso artificial⁵. No *post* intitulado *Prólogo*, também utilizado para (auto)descrever a blogueira no perfil *Absendo-me*⁶, a blogueira especifica e revela que muitos dos textos por ela postados no *blog* passam pelo “crivo ficcionalizador da crônica”⁷.

Denise Schittine (2004) afirma que, de fato, o escrito íntimo (na internet ou fora dela, embora na internet principalmente) costuma ser, de modo geral, impregnado de ficção. No caso da internet, isso acontece, em grande parte, devido ao caráter público da atividade de “blogar”, o qual pressupõe um leitor para o diário virtual. Diante de tantos olhos que poderão ter acesso a um determinado relato postado no *blog*, por que não torná-lo mais interessante e criativo a partir de elementos de ficção?

Assim, se por um lado o *blog Absinto-me* só aproxima-se de um diário íntimo, por outro lado, não está tão distante do romance autobiográfico⁸. Esse ponto de vista colabora para entendermos o *blog* como uma grande narrativa sobre a vida e o pensamento de seu autor. É impossível, nessa prática, não falar de si mesmo. Isso é o que aproxima o *blog* da autobiografia, por mais que, em certos momentos, seja uma autobiografia autoficcional, revelada nas entrelinhas do (inter)texto, pois nem sempre se utiliza a primeira pessoa do singular.

Na mesma medida, ao ser o *blog* um mediador de subjetividade e de intimidade, a partir da escrita individual, acaba aproximando-se também do romance autobiográfico. Schittine (2004, p. 54), citando Habermas (1984), explica que a escrita em *blogs* remete a uma “intimidade intermediada literariamente”, conforme ocorria quando da ascensão do amor romântico, que encontrou sua máxima expressão no

⁵ A bebida absinto, no século XIX, era um dos entorpecentes que, segundo Baudelaire, poderia levar o ser humano ao “paraíso artificial” das satisfações momentâneas, afastando-os da mediocridade existencial a que a grande maioria estava condenada. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/ baudelaire.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

⁶ Outras seções no *blog* seguem esse mesmo jogo de linguagem ao terem como títulos, conferidos pela blogueira, palavras como *Absentem-se* (em referência às pessoas que deixam comentários nas postagens); *Absinta-se* (referindo-se ao acesso à nuvem de *tags* do *blog*); e *Absorvidos* (referindo-se ao arquivo de *posts* antigos).

⁷ Disponível em: <<http://absintomeso.blogspot.com/search/label/Prólogo>>. Acesso em: 18 out. 2011.

⁸ Romance no qual se misturam ficção e realidade, com uma relação de identidade entre autor, narrador e personagem, já que relatam eventos e descrevem espaços indissociáveis do testemunho e vivências pessoais dos autores (LEJEUNE, 2008).

romance burguês do século XIX, contribuindo em larga escala para a disseminação do individualismo.

Lejeune (2008, p. 102) define a narrativa autobiográfica como uma escrita fragmentária, uma espécie de montagem, a qual “busca uma verdade que escapa ao poder das narrativas ordinárias”. Assim, ao absorver progressivamente técnicas experimentadas na ficção, a autobiografia literária, associada ao romance, assume um jogo duplo essencial que pretende simultaneamente um discurso verídico e uma obra de arte. A fragmentação e a “montagem” narrativa também se fazem presentes nos *blogs* da internet por meio das entradas de *posts*.

O jogo semiótico da escolha de palavras que identificam o *blog* de Gabriela Dornelas deixa bastante clara essa relação da parte pelo todo ou a necessidade de “reunir peças” para significação do texto. Percebe-se, por exemplo, que o tom de amargura presente nos *posts* do *blog*, evoca o sentido de amargor da erva absinto: do que podemos aferir que o título *Absinto-me só* traduz uma Gabriela amargurada.

Mas nem todo o leitor que chega livremente no referido *blog* pela grande rede pode notar que, em alguns *posts*, Gabriela utiliza-se do recurso de livre expressão do *blog* para conotar a realidade, ou seja, revestir a situação narrada de elementos estéticos ou ficcionais, agregar poeticidade ao sentido do texto de sua própria vida, sugerindo a ele múltiplas interpretações. Em outros *posts*, porém, a autora lança mão do texto em versos e evidencia sua identidade enquanto “eu”, ainda que um “eu” poético, transparecendo claramente ao leitor o seu estado de alma, como no *post Há dias que não sei falar*, reproduzido a seguir:

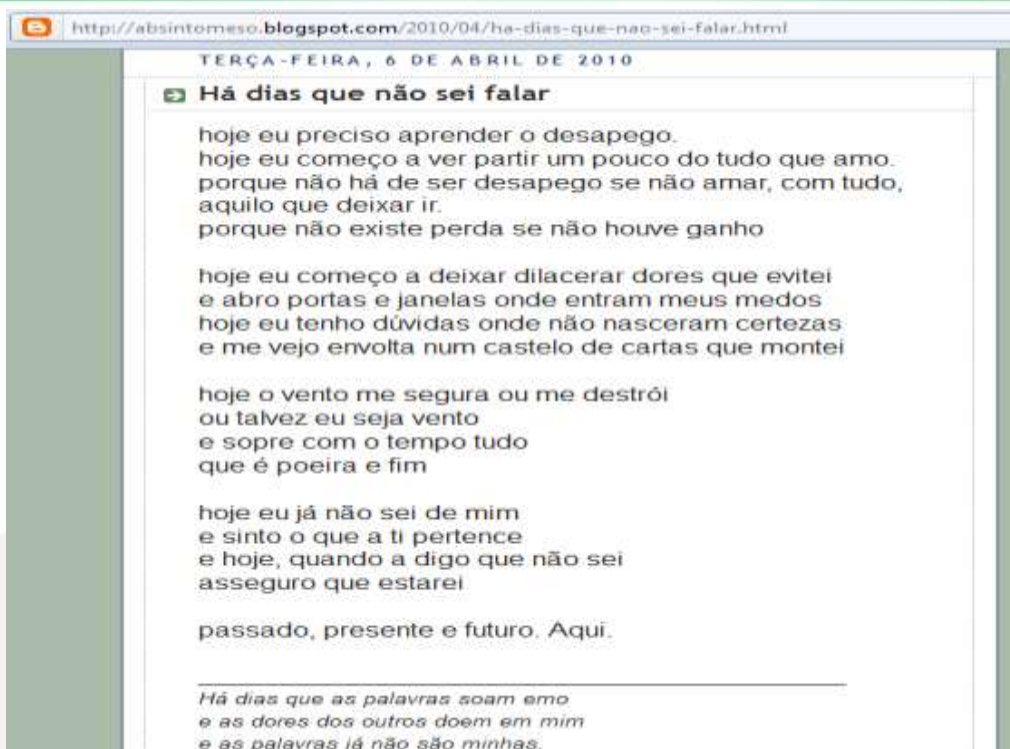



Figura 2 – Post no blog Absinto-me só.

Na explicação final do *post*, separada do texto principal, a autora deixa também evidente a questão da alteridade e da catarse. A comunicação mediada por computador favorece essa prática, uma vez que, segundo Schittine (2004, p. 35), “a opacidade da tela permite aos diaristas [ou blogueiros] encontrar seus semelhantes sem que para isso precisem ter um contato direto com eles”. Ao afirmar que “as dores dos outros doem em mim”, Gabriela vê no outro o reflexo de si própria e também “oferece” ou torna público o que sente para que os leitores possam encontrar nesse sentimento uma espécie de identificação. É o  que se pode comprovar mediante alguns comentários⁹ deixados nesse mesmo *post*:

Xunior Matraga disse...

[6 de abril de 2010 15:56](#)

Como pode ninguém ainda absentir o que acabo de ler aqui? Como posso, logo eu, que já nem sentia antes de lê-la, não me emocionar

⁹ Disponíveis em: <<http://absintomeso.blogspot.com/2010/04/ha-dias-que-nao-sei-falar.html>>. Acesso em: 18 out. 2011.



mais uma vez com o que tu dizes, com o que tu dizes sentindo, e sente provavelmente mais que todos. Eu absinto-me mais uma vez Gabriela Dornelas, com todas as redundâncias pleonásticas aqui descritas, sobretudo, esta última.

[Renata Cibelle](#) disse...

[30 de maio de 2011 11:21](#) Tuas palavras tão reais, tão minhas...eu
amei!

Essa perspectiva dos *feedbacks* dos leitores mediante a própria obra, possibilitada pelo hipertexto eletrônico e pela mediação do computador, nos dá, portanto, uma outra dimensão da literatura e da fruição literária: a da escrita e a da leitura na modalidade terapêutica, enquanto expurgação, purificação de sentimentos. Isso fica evidente a partir dos comentários transcritos acima.

O *Absinto-me só*, assim, traz a leitura de mundo que é específica da sua protagonista e, ao abordar temáticas existenciais inerentes à condição de ser humano, permite aos leitores que se reflitam nela. O que também nos mostra que a *web*, além de diluir as fronteiras de tempo e espaço ao permitir que pessoas se comuniquem em tempo “real” – ainda que a partir de um espaço “virtual” – relativiza dicotomias antes bastante nítidas, como o público e o privado, por meio de formas de sociabilidade que surgem e são próprias do contexto contemporâneo. Essas novas formas de sociabilidade mediada vêm, por sua vez, influenciar as práticas literárias na *webliteratura*, e as expressões artísticas da contemporaneidade.

3. *Vago*

Na mesma linha de observação, podemos falar do segundo *blog* analisado. Trata-se do *Vago*. Disponível no endereço <http://va-go.blogspot.com/>, o *blog* tem como autor Tiago

Júlio, apresentado aos leitores por meio de uma fotografia e uma descrição bastante imprecisa, sem sentido mesmo: “Se deus quiser, um dia eu quero ser índio”¹⁰.



Figura 3 – Página inicial do *blog Vago*.

Ao chegar pela primeira vez no *blog*, o leitor não sabe de imediato qual sua proposta a não ser que busque realizar a leitura dos *posts* ali narrados. A maioria são contos de autoria do blogueiro.

Com base em Philippe Lejeune (2008, p. 67), para quem “todo homem traz em si uma espécie de rascunho, perpetuamente remanejado, da narrativa de sua vida [...], ao redor de nós [...], há pessoas que passam esse rascunho da vida a limpo”, assim pode ser denominado o *blog Vago*: uma espécie de rascunho que, como o conveniente título diz, é inconstante, volúvel, indeterminado, mas que tem para o seu autor a serventia de abrigar a narrativa de sua própria vida, relatar sequências de eventos de que foi agente ou paciente ou dos quais tomou conhecimento.

O *blog Vago*, portanto, demonstra a personalidade de seu autor, no sentido da autoexpressão, embora algumas de suas narrativas, ainda que em primeira pessoa, dizem

¹⁰ Disponível em: <<http://www.blogger.com/profile/17684305254094172062>>. Acesso em: 21 out. 2011.

respeito a personagens criados pelo blogueiro. E o mais interessante é que, em alguns casos, para criar seus contos, Tiago Júlio, utiliza-se dos mais variados recursos ofertados pelo hipertexto.

Estabelece-se no *blog*, dessa forma, um jogo enunciativo relativo à construção do “eu” por meio de representações ou imagens subjetivas que se associam a recursos do hipertexto e da tecnologia em questão. A escrita de *Vago*, que se pretende literária, associa-se, então, a textos sonoros, imagéticos e interativos, tornando possível a materialização de uma (*web*)literatura que se sustenta no sentido da experimentação. Vejamos um exemplo com o *post* a seguir:



Figura 4 – Post do blog *Vago*.

Ao tocar o *play*, o que por si só já exige a interatividade com o conteúdo do *blog*, o leitor tem acesso a um microconto particulado em pequenas frases de letras brancas, as quais se movimentam vindas de diversas direções da tela de fundo preto a partir do recurso de vídeo compartilhado hipertextualmente no *blog* por meio de *link* criado e, inicialmente postado, no *site* do *YouTube*¹¹. Além da palavra escrita, ou seja, que pode ser lida pelo leitor, há a narração em áudio do microconto feita pelo próprio blogueiro. A entonação da fala de Tiago segue a mesma velocidade do movimento das frases na pequena tela, o que ajuda na produção de sentido por parte do leitor que entra em contato com o texto. A voz que narra a história aparece um tanto quanto embargada,

¹¹ Site de compartilhamento de vídeos na internet, disponível em: < <https://www.youtube.com/>>.

tremida, como se o narrador estivesse engolindo um choro, tendo ainda em plano de fundo uma música instrumental melancólica.

Segue a transcrição do microconto:

Uma vez, o meu peito doeu muito. Aí, eu precisei chorar.
A minha mãe, preocupada, fez questão de dormir do meu lado. Mas isso não ajudou muito. Eu não conseguia parar de chorar.
Então, minha mãe, sem falar nada, começou a chorar também. Eu achei muito engraçado ela chorar pelo que eu sentia. E eu comecei a rir chorando.
Daí, ela começou a achar graça comigo. E a gente ficou sorrindo e chorando. Então, eu finalmente percebi que: o amor é isso mesmo.
(Sim, eu sei que é brega, mas significa muito para ela. Te amo, mãe)¹².

O leitor, portanto, fica exposto a uma oportunidade de recepção multissensorial, o que, por sua vez, deixa clara a possibilidade de o autor veicular via *web*, no formato *blog*, uma informação que se arrisca literária e que foge ao emprego das estruturas convencionais da linguagem no que consiste aos padrões do gênero conto.

Tal fato nos remete a um efeito estético que, segundo Umberto Eco (2005, p. 91), é próprio das poéticas contemporâneas, pois revela “certo conjunto de significados denotativos e conotativos que se fundem aos valores físicos para gerar uma forma orgânica” de obra. Esse tipo de obra é denominado pelo autor como “obra aberta”, baseada em “toda uma aventura cultural” (ECO, 2005, p. 22) de uma mensagem fundamentalmente ambígua, porque agrega uma pluralidade de significados em um só significante.

Nas postulações de Eco (2005, p. 107):

Considera-se comumente a palavra poética aquela que, pondo numa relação absolutamente nova som e conceito, sons e palavras entre si, unindo frases de maneira incomum, comunica, juntamente com um certo significado, uma emoção inusitada.

Ainda que Eco chegue a essa definição tendo como base a música e as artes, podemos aplicá-la à *webliteratura* a partir do *post* acima apresentado porque entendemos que o blogueiro expressa seus sentimentos de forma poética, unindo

¹² Disponível em: <<http://va-go.blogspot.com/2011/08/esse-sabado-eu-resolvi-fazer-um-post.html>>. Acesso em: 21 out. 2011.

palavras, som e imagens, ao mesmo tempo, que pretende um tipo de comunicação que, apesar de ter um destinatário específico, isto é, sua mãe (“*Sim, eu sei que é brega, mas significa muito para ela. Te amo, mãe*”), pode ser assimilada também por uma infinidade de internautas. Assim, trazendo um sentido bastante delimitado para a mãe¹³ de Tiago Júlio, a mensagem do *post* pode tornar-se ambígua aos demais leitores que a fruem a partir de uma livre interpretação, o que acaba gerando o estímulo estético que é caro às obras abertas. “A abertura é a condição de toda fruição estética, e toda forma fruível como dotada de valor estético é aberta”, explica Eco (2005, p. 89).

A narrativa do *post* acima, por exemplo, ao estar em contato com as demais por meio do tecido hipertextual que compõe o *blog Vago*, pode, em um primeiro momento, gerar dúvida no leitor se se trata de algo verídico ou de uma encenação. Mas, na continuação do *post*, após o vídeo, o blogueiro faz questão de ressaltar: “Juro que essa historinha aconteceu de verdade”. E a confirmação vem ainda pelo comentário da própria mãe de Tiago, Goretti, deixado na caixa de comentários¹⁴ do *post*:

Anônimo disse...

[6 de agosto de 2011 21:19](#)

Filho Querido,

Chorei mais uma vez ao ver este vídeo. Obrigada por ter entendido a mensagem de chorar e sorrirmos juntos. Te amo muito! Bjs.

Goretti

É o real que, intermediado literariamente, se transforma em linguagem. A necessidade de deixar claro que aquele *post* especificamente se trata da representação de fatos verídicos dá-se devido também encontrarmos no *blog Vago* narrativas que se pretendem ficcionais.

De acordo com Schittine (2004, p. 73), “é como se o autor quisesse, mas não pudesse, dizer todas aquelas coisas, e, então, finalmente, encontrasse saída através da ficção e de uma personagem”. Nas palavras da autora, podemos também nos questionar:

¹³ Conforme se verifica, por exemplo, no comentário reproduzido a seguir e encontrado na caixa de comentários do referido *post*.

¹⁴ Disponível em: <<http://va-go.blogspot.com/2011/08/esse-sabado-eu-resolvi-fazer-um-post.html>>. Acesso em: 21 out. 2011.

“que parcela de pensamentos [presentes no *post* em questão] pertence ao protagonista e que parte deles pode ser atribuída ao autor?” (SCHITTINE, 2004, p. 74).

Seguindo os padrões da narrativa contemporânea e exercitando o conceito de metaficção (HUTCHEON, 1991), ou seja, racionalizando sobre a sua prática literária na própria escrita, o blogueiro deixa evidente, no *post* que mostramos, o jogo que faz ao embaralhar o real e a ficção, muitas vezes de forma proposital.

Observamos nesse *blog*, a clara exposição de uma escrita íntima sobre um “eu” que revela um autor que pode ser real ou fictício e que encontra no *blog* um espaço para a evasão de uma prática literária experimental, uma vez que traz uma linguagem mais coloquial, informal, e uma contextualização fragmentada, responsável por desestruturar a narrativa em questão. Roland Barthes (2004, p. 73) afirma que “um certo prazer é tirado de uma maneira da pessoa se imaginar como indivíduo, de inventar uma última ficção, das mais raras: o fictício da identidade”. E, ao tornar esse prazer público, e, além disso, explícito, por meio do *blog*, tal ficção deixa de ser ilusão de uma única pessoa; para, ao contrário, tornar-se um teatro para toda a comunidade de leitores do *blog*¹⁵.

4. Modelos *webliterários*

Schittine (2004, p. 63) diz que “foi com o objetivo de tornar o escrito íntimo palatável em linguagem e em assunto que muitos autores aproximaram em muitos pontos os seus diários da ficção”. Daí também advém a semelhança que pode existir entre os relatos íntimos e o romance autobiográfico. Pois, se por um lado vivemos ou gostaríamos de viver nossas vidas como romances, por outro, tentamos encontrar na literatura modelos para elas, sejam modelos pré-existentes, sejam modelos criados de forma autoral.

Conforme explica Givone (2009, p. 474):

¹⁵ Tal fato pode ser exemplificado também com o *blog Os sonhos de Luciana* (Disponível em: <<http://viveravida.globo.com/platb/sonhos-de-luciana>>. Acesso em 25 out. 2011), criado na ficção da novela *Viver a Vida* (Globo, 2009) para expressar o que sentia e pensava a personagem Luciana (Aline Moraes) – uma linda jovem que subitamente vê sua vida mudar em função de um acidente de carro que a deixa paraplégica –, e, transportado para a realidade na medida em que ganha uma significação específica ao poder, de fato, ser acessado na internet pelo público da novela, inclusive, por outros cadeirantes que se identificavam com a história da personagem.

Para tal existe apenas um caminho, justamente o caminho estético: representar fatos e pessoas a partir “não do exterior, mas de nosso íntimo”, e assim pode ser que a mais leve nuance e o mais insignificante gesto repercutam na sensibilidade [alheia] a ponto de provocar a máxima perturbação.

É desse modo que a escrita em *blogs* torna-se favorável a elaborações inovadoras do discurso romanesco, o qual, do século XIX até hoje, inspira a produção literária mediante estratégias para conquistar leitores, atraídos pela necessidade humana de fantasia e conhecimento simbólico.

O que queremos salientar é que, por mais que a *webliteratura*, em alguns casos possa se aproximar da literatura canônica por reproduzir certos padrões e gêneros historicamente estabelecidos, a exemplo do romance, ela também se afasta dessa literatura tradicional na medida em que quebra regras, como por exemplo, as de uso da língua no formato escrito, para utilizar os diversos recursos de experimentação oportunizados pelo hipertexto.

Barthes (2004, p. 39) afirma que, em nome do prazer pela escrita: “um texto pode, se tiver gana, investir contra as estruturas canônicas da própria língua”. No entanto, em se tratando de escrita *webliterária*, a falta de observação à norma culta da língua pode desqualificar o texto e o próprio escritor, afastando-o ainda mais do reconhecimento por sua arte [se isso for o desejado] e causando polêmica quanto à possibilidade em se definir um *post* de *blog* como literário.

Sobre isso, Schittine (2004, p.155) observa que a informalidade na escrita em *blogs* é advinda do que permite o próprio suporte de veiculação, a internet. “Para manter o contato com o outro, institui-se entre os blogueiros uma escrita mais informal, em tom de diálogo”. O texto rápido, escrito em cápsulas, apresentado de forma fragmentária é próprio à prática literária na blogosfera. Assim,

o texto volumoso, prolixo e confessional do diário tradicional dá lugar a um texto mais limpo, curto. Em muitos casos isso significa ganho de qualidade: o escrito íntimo se aproxima mais da crônica, do ensaio ou de uma boa ficção; em outros, acaba empobrecendo e superficializando o texto. (SCHITTINE, 2004, p.155).

No caso dos *blogs* na internet, o excesso de coloquialidade acaba empobrecendo o texto, o que afasta a prática de escrita na web do que se pode chamar de literatura, ainda que esta seja praticada no ciberespaço e manifeste-se com base nas características propícias ao ambiente virtual. “Talvez por isso seja tão difícil definir a que ‘gênero’ pertence o *blog*, uma escrita totalmente diferente, um pouco individual e coletiva [...], e que pode tanto informar como, simplesmente, entreter” (SCHITTINE, 2004, p. 228).

5. Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GIVONE, Sérgio. “Dizer as emoções: a construção da interioridade no romance moderno”. In: MORETTI, Franco (org.). *A cultura do Romance*. Trad. Denise Bettmann. São Paulo: Cosae Naif, 2009.

HUTCHEON, Linda. *Poética da pós-modernidade: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte : UFMG, 2008.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.